

O desafio da formação do jornalista problematizador e mediador do debate público

Claudia Jawsnicker¹

Este artigo defende a formação superior de um jornalista '*problematizador*', que saiba criar um espaço midiático que estimule o raciocínio e a discussão do leitor/telespectador/ouvinte. Este profissional, segundo pressupostos de Vicchiatti (2005) e Dines (1994), tem o potencial e vocação de ser instrumento leitor da realidade e exercer a função de mediador do debate das questões políticas essenciais à esfera do conhecimento do cidadão comum.

Palavras-chave: formação – jornalista – problematizador.

O jornalismo tem passado por inúmeras transformações nas últimas décadas. Tradicionalmente relacionada à esfera do bem comum e dos interesses da coletividade, responsável por disponibilizar para a comunidade informação ética, verdadeira e de qualidade, a prática jornalística tem se tornado, progressivamente, minimalista. Numa notável pasteurização e homogeneização da produção jornalística, os jornais de hoje privilegiam as notícias curtas, em favor da falsa idéia de inteligibilidade; fragmentam e pulverizam os relatos dos fatos; valorizam a visualidade em detrimento dos conteúdos e configuram a "produção circular da notícia", termo cunhado por Pierre Bourdieu (1997) para designar a cópia de pautas e matérias de um veículo de comunicação por outro, num resultado final de noticiários idênticos e enfadonhos.

A orientação para esse tipo de paradigma reducionista encontra terreno fértil, muitas vezes, na sala de aula das próprias escolas de Jornalismo, onde professores funcionalistas reforçam o jornalismo de

¹ Jornalista profissional. Mestre em Educação. Docente da FAG e da UNIVEL, em Cascavel, PR. E-mail: jawsnick@certto.com.br.

mercado ao invés de contestá-lo. Muitos docentes aceitam e orientam suas aulas pelos manuais e paradigmas utilizados nas redações dos grandes veículos, sem argüir sua validade, compactuando e perpassando a fórmula da alfabetização jornalística: “fazer simples”, “fazer curto” e “vender bem”. Dessa maneira, impõem aos alunos um modelo de produção jornalística já estabelecido e encorajam a formação de um profissional domesticado às regras de um mercado distorcido, alienante e alienador.

Adorada e idolatrada mundialmente por professores funcionalistas, a pirâmide invertida constitui-se numa verdadeira bíblia para a catequização dos jornalistas, que perdem assim a perspectiva crítica do papel social do profissional da comunicação. (MARSHALL, 2000, p.34)

Não prega-se aqui, evidentemente, a negação ou extinção do aprendizado de técnicas, como o *lead* e a pirâmide invertida em sala de aula. Como professora de disciplinas práticas na área de jornalismo impresso (“Jornal-laboratório” ou “Edição”, entre outras), sempre orientei trabalhos práticos, como a produção de informativos, jornais e revistas, em que estes conceitos estiveram presentes. Porém a prática deve star, constantemente, associada a uma reflexão sobre a adequação destes e outros elementos ao processo jornalístico. A escola de jornalismo tem que assumir, principalmente, o compromisso da formação de um profissional que vá além do *lead* e do simples relato, e seja capaz de contextualizar os fatos, estabelecendo vínculos entre o passado e o presente, não apenas documentando as realidades a sua volta, mas, sobretudo, debatendo-as.

Em outras palavras: a escola de jornalismo deve se preocupar com a formação de um *profissional 'problematizador'*, que saiba criar

um espaço midiático que estimule o raciocínio e a discussão do leitor/telespectador/ouvinte. Este profissional, conforme assegura o professor Carlos Alberto Vicchiatti, (2005) tem o potencial e vocação de ser instrumento leitor da realidade e exercer a função de mediador do debate das questões políticas essenciais à esfera do conhecimento do cidadão comum. Na interpretação arguta de Mohammed Elhajji, docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro:

qualquer um que exerceu ou exerce o jornalismo sabe muito bem que os aspectos técnicos da profissão são, paradoxalmente, os mais fáceis de aprender; enquanto que a pertinência e a originalidade do olhar e do ponto de vista, a perspicácia da análise e da argumentação são muito mais difíceis de construir e adquirir (ELHAJJI in PAIVA 2002, p.119).

Além da formação do jornalista 'problematizador', a escola de Jornalismo deveria se preocupar com a formação do '*profissional reflexivo*', conceito forjado na área da Pedagogia para designar aquele que criticamente analisa a sua própria prática profissional¹. No caso do jornalista, aquele capaz de refletir sobre os padrões e práticas vigentes no jornalismo, como explica Alberto Dines:

A escola deve funcionar como um centro de observação, um observatório, um local de reflexão e atuação no processo de melhoria do jornalismo brasileiro. [...] A escola deve ser a consciência crítica da imprensa e não reforçadora de seus vícios, como tem acontecido (DINES 1994).

A reflexão deve vir, ainda, acompanhada da *investigação e desenvolvimento de modelos alternativos e inovadores* que desafiem os preceitos profissionais já estabelecidos a sua volta, superando suas limitações e dificuldades. “Se a crítica não vier acompanhada de uma nova maneira de praticar o jornalismo, torna-se algo extemporâneo e desligado da realidade profissional”, pondera o professor Victor Gentili, da Universidade Federal do Espírito Santo (2006, p.1).

Resta a pergunta: os docentes de Jornalismo têm se empenhado em construir, dentro da sala de aula, um espaço para a crítica e a experimentação? Segundo alerta de Antonio Brasil (2005), professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e professor visitante da Rutgers University of New Jersey, nos EUA, a resposta é não. Ao invés de experimentar o novo, a academia não se cansa de copiar de forma tosca o modelo estabelecido, sem criar nada de original e significativo.

A proposta de reflexão deste capítulo alimenta, pois, um desejo: o de instigar os docentes de Jornalismo no compromisso de formação de um *profissional problematizador*, capaz de promover a *avaliação sistemática dos modelos jornalísticos vigentes* e de desenvolver *práticas jornalísticas que desafiem os padrões estabelecidos*.

Esta tarefa, reconheço, não é fácil. A primeira questão, a da formação de um jornalista ‘problematizador’ engloba o incentivo à leitura diária de jornais e à formação de uma ‘cultura histórica’, de maneira que o estudante possa entender os assuntos em pauta na atualidade. Para isso, como lembra o colunista político da Folha de São Paulo, Jânio de Freitas (apud Travancas 1992), o futuro jornalista deve ter uma formação humanística tão boa quanto possível, pois ela fornece instrumentos para que, após a leitura dos fatos, ele perceba o seu significado histórico e consiga interpretar a realidade sócio-econômica e cultural na qual se insere.

O incentivo à prática da avaliação dos modelos jornalísticos atuais se mostra uma tarefa especialmente complicada para os professores das escolas de Jornalismo localizadas no interior do país. Trabalho, há seis anos, como docente em cursos de Jornalismo em Cascavel – localizada no Oeste paranaense. O município conta com quatro jornais diários e várias emissoras de TV e de rádio - mercado promissor para os futuros jornalistas. Com tantos veículos impressos locais, seria de esperar que o jornalismo local se afastasse do engodo da faticidade e se debruçasse diante das problemáticas regionais, através de um intenso trabalho de reportagem. No entanto, por comodidade ou para reduzir custos, muitos jornais da região se rendem aos *releases* recebidos de entidades privadas e instituições públicas locais, em vez de estimular os repórteres a fazerem o que deveriam saber fazer de melhor: ir à rua atrás de pautas novas e criativas, no hábito salutar de “colocar o pé na estrada” e se engajar numa apuração longe da Internet, e-mail e telefones. Uma apuração que priorizasse o inédito e o inquietante.

Mas, como lembra o professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru, Pedro Campos (2005), fatos novos, muitas vezes, interessam à comunidade, mas desagradam à Prefeitura. A relação de dependência publicitária com o poder público faz com que o noticiário sobre a cidade se reduza, muitas vezes, aos feitos da administração municipal, prática preocupante e que compromete a independência editorial dos veículos. Para Bucci (2006), a presença do “Estado anunciante”, indispensável para a sobrevivência de muitos jornais, especialmente de pequeno e médio porte, gera relações de dependência, constrangimentos que comprometem a qualidade do trabalho jornalístico e uma orientação jornalística que busca canalizar e não contrariar valores e atitudes já existentes na sociedade. É o jornalismo curvando-se diante da lógica pragmática das empresas jornalísticas reguladas pela audiência e pelo lucro. Além disso, é comum a produção de conteúdos

artificialmente favoráveis ou críticos ao(s) governo(s). Ou seja: a verba pública pode angariar simpatias, mas a sua falta pode fomentar a "oposição jornalística" meramente gratuita e chantagista.

O quadro está delineado: reféns do mercado e das amarras do release e da burocratização das redações, muitos jornalistas produzem textos requentados, oriundos das assessorias de imprensa e das agências de notícias nacionais e internacionais, ou optam pelas notícias fragmentadas, que se mantêm na imediatividade do real e tratam de maneira conservadora temas de interesse para a comunidade – como saúde, educação, habitação, entre outros - que deveriam ser aprofundados, analisados e contextualizados. A transformação do noticiário em "gotas informativas"² estimula idéias esdrúxulas como a desenvolvida por um jornal do Estado, na qual uma editoria identificada como *5 minutos* apresenta um lanche rápido informativo, com a leitura de notas classificadas por 'subeditorias', como país, política, cidades, mundo, esportes e economia.³ Trata-se de um incentivo a mais para os leitores não se aprofundarem no noticiário.

Como estimular concretamente, em sala de aula, uma reflexão crítica dos modelos de jornalismo descritos acima? Ou ainda, como encorajar a produção de pautas que ultrapassem os limites reducionistas das reportagens apresentadas pelos veículos locais? Tenho observado um interessante paradoxo: apesar de criticarem como "chapa-branca" o jornalismo desenvolvido pelos jornais impressos da região, a maioria dos acadêmicos, quando solicitados a produzirem pautas para a editoria local e regional, geralmente, num primeiro momento, tendem a repetir o modelo que tanto criticam e produzir pautas oficialescas, sobre ações e projetos das Prefeituras. Estarão estes estudantes – que nem sequer se inseriram no mercado de trabalho - já domesticados à lógica do mercado? Confronto os acadêmicos com a sua própria escolha de pautas, e lanço um desafio: peço aos alunos para observarem atentamente sua comunidade e

buscarem problemáticas que realmente inquietem a população e que possam ser desenvolvidas em forma de reportagens no jornal-laboratório do curso. A premissa básica é que a crítica deve vir sempre associada a uma proposta de construção de um novo modelo de produção jornalística.

O jornal-laboratório é o espaço privilegiado no qual os estudantes podem não só planejar e executar um projeto jornalístico, mas, sobretudo, desenvolver sua capacidade crítica. O objetivo é que por meio de um processo de experimentação de diferentes linguagens (textuais e gráficas), eles produzam reportagens significativas para eles próprios e para o público leitor. Este tipo de prática suscita vários tipos de benefícios: por um lado, os alunos são estimulados a examinar e questionar a teoria vista em sala. Abre-se espaço para a experimentação, para o erro e para a construção de novas possibilidades em cima do erro. Por outro lado, os professores podem investir numa prática pedagógica que procura trazer o currículo para o cotidiano do aluno. O educador pernambucano Paulo Freire há mais de 20 anos já alertava que o conteúdo desenvolvido pelos professores em sala de aula é descontextualizado da realidade dos alunos e, por isso mesmo, inibe o desenvolvimento do senso crítico do estudante sobre o mundo que o cerca e sobre sua própria vida. Ele exorta os professores a se engajarem numa “pedagogia crítica”, que traga a realidade para dentro da sala de aula, encorajando o aluno a descobrir e a examinar o mundo a sua volta e, conseqüentemente, a sua própria identidade. Segundo Freire:

Nossa experiência na universidade tende a nos formar à distância da realidade. Os conceitos que estudamos na universidade podem trabalhar no sentido de nos separar da realidade concreta à qual, supostamente, se referem. Os próprios conceitos que usamos em nossa formação intelectual e em nosso trabalho estão fora da realidade, muito distantes da sociedade concreta (FREIRE apud MEDITSCH 2003, p.242)

Além da prática do jornal-laboratório, uma outra proposta interessante foi apresentada durante o VIII Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, pelos professores Erotilde Honório et al, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Eles defenderam (2005) a utilização dentro das aulas de Jornalismo de uma prática pedagógica vastamente difundida nas áreas da Saúde, denominada "PBL" (Problem Based Learning), que compreende uma metodologia centrada ao redor de estudo de casos reais. Estimulando a aprendizagem a partir da análise prática de situações do dia-a-dia profissional, a metodologia busca soluções para problemas que os alunos identificaram pessoalmente, em contextos que sejam relevantes para suas vidas.

A idéia dos professores de Fortaleza suscita uma possibilidade de prática pedagógica interessante, baseada no estudo de casos reais de reportagens publicadas na mídia impressa. Relato, resumidamente, uma experiência neste sentido. Meus alunos do 2º ano, por meio da Disciplina Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística I, receberam um texto, com cerca de 15 páginas, contendo uma descrição detalhada do processo de apuração e pesquisa jornalística de uma reportagem local e real: as decisões que os repórteres e editores tiveram que tomar; as perguntas feitas aos entrevistados e a redação final das matérias. Os acadêmicos leram o texto, analisaram e refletiram sobre todos os passos da produção das reportagens, debatendo as decisões e atitudes dos repórteres envolvidos. O desenvolvimento do trabalho apresentou inúmeros aspectos positivos: os alunos compartilharam informações e reflexões, embasaram opiniões, estimularam a participação dos mais reticentes, exploraram significados e, principalmente, sentiram-se confortáveis para perguntar, questionar suas próprias convicções e mudar de idéia.

Propostas como estas perpassam a idéia de construção, dentro da sala de Jornalismo, de práticas pedagógicas que oportunizem um espaço de reflexão, aberto a propostas inovadoras e de cunho experimental. A sala de aula é o espaço ideal para a discussão de temas de relevância para a comunidade local, regional e a sociedade em geral; o estímulo à investigação de formatos e temas ainda não pautados pela mídia e o fomento da produção de variados tipos de textos, desde os mais simples até os mais elaborados - que ofereçam opinião, contextualização, interpretação, presença autoral do repórter, e maior refinamento gráfico. Segundo o professor Faro, da Universidade Metodista, estes são indícios positivos de profissionalismo e elementos de sustentação do desenvolvimento futuro da atividade jornalística (2006).

Considero ser fundamental que, para caminhar neste sentido, o professor deva reavaliar constantemente e, quando necessário, inovar a sua prática pedagógica. Este processo é revelador e, por vezes, doloroso. Envolve, muitas vezes, a tarefa de vencer sua própria resistência interna. Inovações dão trabalho, trazem incerteza e risco, modificam a ordem já estabelecida e conhecida, geram interferência num esquema de trabalho organizado e pronto. Novas posturas e práticas podem significar sobrecarga de trabalho e, possivelmente, mudança de rotina e hábitos. Mas nós, professores, não devemos temer inovações que buscam um aprofundamento qualitativo. Os educadores que se recusam a acreditar no potencial transformador de sua prática pedagógica correm o risco de se reduzir àqueles que, conforme sugeria o filósofo francês Jean Paul Sartre, "jamais mudarão coisa alguma e não servirão para nada" (1992, p. 45).

¹ SCHON, Donald. **The reflective practitioner**. London: Basic Books. 1998.

² MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.

³ JORNAL BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Ano 8, nº 281. São Paulo: abril de 2006.

Referências bibliográficas

BRASIL, A. **Universidades odeiam a Televisão**. Disponível em:

www.videotexto.tv/ab_uniodeiatv.html. Acesso em 20 de setembro de 2005.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão. Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

EGYPTO, L. **Por mais qualidade e mais isenção**.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=379010002>.

Acesso em 15 de abril de 2006.

CAMPOS, P. **Jornalismo no interior: características**. Disponível em:

wmail.faac.unesp.br/~pcamps/JORNALISMO520NO520INTERIOR.htm. Acesso em 30 de maio de 2005.

DINES, A. **Tendências no jornalismo brasileiro**. Palestra proferida na PUC/RJ em 25 de novembro de 1994.

ELHAJJI, M. Por um jornalismo auto-reflexivo. In: PAIVA, Raquel. **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

GENTILLI, V. **Jornalismo, a pesquisa e o ensino**. Disponível em:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>. Acesso em 10 de maio de 2006.

GOLDENSTEIN, G. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo: Summus, 1987.

HONORIO, E. et al. O Ensino de Jornalismo e a Metodologia Baseada em Problema (PBL): Relato de uma Experiência. **Anais do 7º Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo**. Disponível em:

<http://www.fnpj.org.br/grupos.php?det=50>. Acesso em 18 de setembro de 2005.

MEDITSCH, E. A questão da prática em Paulo Freire. In Peruzzo, Círcia Krohling; Silva, Robson Bastos (org). **Retrato do ensino em Comunicação**

no Brasil. São Paulo:INTERCOM, Taubaté, 2003

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker, 2002.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade: a transgenia das linguagens na pós-modernidade.** São Bernardo do Campo, 2000.
Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo. Página 34.

MEDITSCH, E. A questão da prática em Paulo Freire. In Peruzzo, Cícilia Krohling; Silva, Robson Bastos (org). **Retrato do ensino em Comunicação no Brasil.** São Paulo:INTERCOM, Taubaté, 2003 p. 241-26

SARTRE, J. P.. In MEMMI, B. **The colonizer and the colonized.** London: Beacon Press, 1992.

SCHON, D. **The reflective practitioner.** London: Basic Books. 1991.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo, Summus, 1992.

VICCHIATTI, C. A. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso.** São Paulo: Paulus, 2005.